



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 84

Arqueologia do futuro

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

É menos comum do que a gente gostaria. Mas de vez em quando, uma correspondente nossa consegue levar um gravador numa aventura. Muitas vezes, a gente chega meses, anos, décadas depois que uma história aconteceu, e a gente tenta recontar do nosso jeito. Mas tem uma emoção diferente ouvir tudo enquanto ainda tá acontecendo. Enquanto quase tudo ainda está por vir.

O que a gente tem pra você essa semana é a história de uma expedição. Com direito a escalada de montanha, crime organizado, negociações tensas, e muita lama. Isso tudo faz parte da história. Mas talvez o mais importante dela ainda esteja em aberto. Porque essa é uma história sobre segredos da floresta amazônica que a gente tá começando a entender só agora. Quem levou o nosso microfone até lá foi a Letícia Leite.

Letícia Leite: Não sei se você sabe, mas a floresta amazônica tem sido bombardeada. Aviões equipados com lasers estão sobrevoando as árvores. E numa velocidade de 170 km por hora, esse laser dispara uma luz pra baixo. Um milhão de

feixes de luz por segundo. Eles batem nas folhas, nos troncos das árvores, e voltam pra contar uma história.

Esse bombardeio é pra salvar a floresta. Mas não só. Ele também pode salvar aquilo que tá escondido dentro dela.

Todo mundo sabe que a floresta tá sob pressão. Que ela tá recuando, sendo incendiada, sucateada, dizimada. Mas acho que menos gente sabe daquilo que aquela destruição tem revelado. Em abril de 2024, o Ministério Público Federal entrou com uma ação contra um pecuarista no Acre. Não era por ter derrubado um pedaço de floresta. Fazia tempo que o lugar era pasto. Era por ter soterrado uma estrutura no chão. Por ter passado por cima dela com um trator e semeado milho e soja naquela terra revirada.

Essa estrutura era uma de muitas que estão sendo reveladas pela derrubada da floresta. São círculos. Quadrados. Hexágonos. Grandes rodas com estradas irradiando pra todo lado. Desenhos grandes e perfeitos, cavados em valas profundas, feitos com uma matemática sofisticada. Uma engenharia de terra feita por povos indígenas. O que foi danificado, e talvez destruído, naquela fazenda, é um de muitos geoglifos amazônicos.

Geo significa terra. Glifo significa marca. São literalmente marcas na terra. Mas são muito mais do que isso. São a primeira página de uma história que a gente tá tentando ler agora. Antes que ela seja apagada.

Morgan Schmidt: O Inpe, eles usam LiDAR para estudar a floresta. Então eles conseguem estudar a estrutura da floresta, tipo uma imagem 3D da floresta e o chão também.

Letícia Leite: Esse é o Morgan Schmidt, que é arqueólogo e geógrafo. Eu fui conversar com ele pra entender melhor justamente a tecnologia que tá sendo usada pra enxergar essas estruturas. Porque quando a floresta já foi derrubada, é fácil bater o olho e ver um círculo gigante numa clareira, né? Mas com a floresta de pé, você precisa de algo muito mais sofisticado.

Tudo isso começou um pouco sem querer. Entre 2016 e 2018, o Inpe – o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – fez uma série de voos sobre a floresta. Eles tavam usando essa tecnologia que o Morgan falou, LiDAR. Que é uma sigla em

inglês pra “detecção de luz e distância”. Eles tavam bombardeando a floresta com lasers, tentando mapear as árvores, pra chegar numa conta: quantas árvores tem na Amazônia e qual o peso de todas elas juntas?

Eles fizeram um inventário das árvores da Amazônia, juntaram com a melhor cartografia da época, imagens do Google Earth, e cruzaram com esse levantamento do LiDAR pra chegar até a estimativa mais precisa que a gente tem: 390 bilhões de árvores, pesando 75 bilhões de toneladas. Isso, aliás, sem contar as raízes.

Morgan Schmidt: Então eles tão interessados em estudar o carbono na floresta, a quantidade de carbono, estoque de carbono. Então eles estavam estudando a estrutura da floresta por causa disso. Mas a gente está interessado no chão.

Letícia Leite: Pois é. O Inpe tava mirando nas árvores. Mas quando eles analisaram as imagens, eles perceberam marcas na terra, como se fossem sombras no mapa.

Morgan Schmidt: A gente olhou as imagens do Acre e conseguimos identificar vários geoglifos e muitos, o que parecem muitos caminhos.

Letícia Leite: O Morgan tá trabalhando com os dados do Inpe, mas ele não trabalha no Inpe. Ele trabalha num projeto chamado Amazônia Revelada.

Morgan Schmidt: Minha tarefa pra fazer a conexão entre o projeto Amazônia Revelada e nosso parceiro que é o INPE.

Letícia Leite: O Morgan, talvez você tenha percebido, é americano – mas ele mora no Brasil há 20 anos.

Morgan Schmidt: Eu tenho bastante experiência de arqueologia da paisagem na Amazônia.

Letícia Leite: Ele trabalha há anos com arqueologia no Alto Xingu, no Mato Grosso. As pesquisas por lá revelaram que no período entre 1200 e 1500, onde hoje tem a maior aldeia do povo Kuikuro, tinham muitas aldeias, que eram bem maiores do que as atuais. Mas as imagens que o Morgan tá olhando hoje podem ser de formações muito mais antigas.

Quando eu conversei com o Morgan, ele tava na casa dele, em Santa Catarina. Mas ele tinha passado os últimos tempos viajando virtualmente pela Amazônia. Nos

últimos meses, o projeto Amazônia Revelada começou a fazer seus próprios voos de mapeamento sobre o estado do Acre. E, vendo as primeiras imagens, já deu pra identificar vários outros sítios.

Morgan Schmidt: Muitas vezes tem coisas, como eu falei, são bem nítidas, não tem questão. São sítios arqueológicos, são antropogênicos. Mas tem várias coisas que você vê que parecem uma coisa, mas pode não ser. Aí teria que ir pra campo e verificar.

Letícia Leite: Nos últimos meses, o Morgan ficou olhando como se fosse um raio-X da floresta - vendo a floresta sem as árvores, procurando caminhos antigos escondidos pelo tempo. Depois de olhar centenas de imagens no computador, tava na hora de conferir aquilo de perto. Ele tava prestes a embarcar pro Acre. E eu fui junto. Uns dois meses depois, eu tava sacolejando por uma estrada de terra com o Morgan ao volante.

Morgan Schmidt: Como vocês vão abordar o nosso trabalho com o proprietário?

Eduardo Neves: Eu vou falar... Pedir licença, falar que a gente tá vendo essas coisas antigas...

Letícia Leite: Quem tava no banco de trás, estrategizando junto com o Morgan, era o Edu – o Eduardo Neves, professor de arqueologia na USP. E eles tavam estrategizando porque muitas vezes a parte mais delicada do trabalho de um arqueólogo não é tirar um material super frágil da terra. É conseguir acesso ao sítio arqueológico.

Eduardo Neves: ... mas que não vamos fazer buraco, não vai mexer com propriedade dele...

Morgan Schmidt: É porque muitas vezes eles ficam desconfiadas que eles podem perder o terreno.

Letícia Leite: Muitos desses sítios que foram identificados via imagem aérea ficam dentro de propriedades privadas. Porque muitos geoglifos ficam em lugares estratégicos, perto de rios, por exemplo. Lugares que pareciam bons pra morar há centenas, milhares de anos – e ainda parecem bons hoje. Então estão ocupados por casas, fazendas, enfim.

Era o caso do sítio que a gente ia ver no primeiro dia em campo. Ele se chama Nakahara 50. Fica no Acre, mas já bem perto da divisa com o Amazonas. E ele tem

esse nome - Nakahara - porque foi identificado no Google Earth por um senhor chamado Nakahara.

Só que agora, com as imagens do LiDAR, dava pra ver muito melhor. Se os satélites do Google Earth mostravam uma imagem meio pixelada, bem distante, com o LiDAR, tudo ficava muito mais nítido. De cima, dava pra ver um círculo formado por valas. Podia ser um sistema de drenagem, uma área de plantio, um lugar de moradia ou um lugar sagrado, usado em cerimônias. Os arqueólogos queriam ir lá pra fotografar, medir, e buscar o máximo de informações que pudessem ajudar a entender melhor como aquele círculo perfeito tinha sido feito – e pra quê. Só que faltava combinar com os russos - no caso, os proprietários.

Depois de umas duas horas de estrada, a gente parou no ponto que o GPS indicava. Tinha uma casa de madeira pintada de azul. Na varanda tava um senhor sentado numa cadeira de balanço. Todo mundo desceu do carro, e o Edu foi na frente. Ele se apresentou...

Eduardo Neves: Meu nome é Eduardo.

Letícia Leite: E foi direto ao ponto.

Eduardo Neves: Como é que é o nome do senhor?

Luiz Lourenço da Silva: Luiz Lourenço da Silva.

Eduardo Neves: Sr. Luiz, o senhor autoriza a gente dar uma olhadinha numa coisa?

Letícia Leite: O Edu começou a explicar que eles só queriam tirar umas medidas e fotos das valas no quintal dele.

Eduardo Neves: A gente tá vendo aquelas coisas que foram escavadas pelos antigos, sabe, umas valas que tinham antigamente, umas estradas que eles faziam?

Letícia Leite: O Morgan chegou com um iPad pra tentar mostrar uma imagem de satélite pro Luiz. Aquele desenho não parecia fazer muito sentido pra ele. Nem as explicações sobre aviões, Inpe, LiDAR, enfim...

Morgan Schmidt: Essa linha azul é uma vala circular. E essas linhas vermelhas são montículos...

Letícia Leite: O Edu foi tentar de novo.

Eduardo Neves: Teve um pessoal do Instituto lá de São Paulo que trabalha com pesquisa, essa coisa na floresta. Eles passaram num aviõzinho e vai tirando uma fotografia. E aí apareceram essas linhas. E essas linhas aqui foram cavadas por pessoas que viviam aqui a muito tempo atrás, e nosso interesse é dar uma olhadinha e ver qual é a profundidade disso.

Letícia Leite: O Luiz Lourenço da Silva tem 92 anos. Ele nasceu em Pernambuco, passou por São Paulo onde perdeu os pais. Casou e se mudou pro Acre aos 38 anos. Ele vive ali nessa região pertinho da fronteira com a Bolívia já tem 50 anos. Ele já tinha reparado na vala em formato de círculo no meio do pasto da fazenda dele. Mas ele achava que eram formações naturais.

Luiz Lourenço da Silva: Pensei que é coisa da natureza mesmo, porque aparece muita coisa que é da natureza.

Letícia Leite: Mas já tinha outros sinais da ocupação “dos antigos”, como o Edu falou.

Rosineide Conceição: Tem até umas garrafa de barro. Busca lá aquela garrafa de barro pra eles ver que eles acharam aqui no fundo da terra. Uma garrafa.

Letícia Leite: É mesmo.

Letícia Leite: Uma bela garrafa de barro, que pode ter mais de mil anos.

Rosineide Conceição: Eu me chamo Rosineide Conceição, tenho 41 anos e moro aqui tem 25 anos.

Letícia Leite: A Neide é a nora do Luiz. E ela não ficou tão surpresa assim com a aparição dos pesquisadores, porque ela disse que um outro time de arqueólogos já tinha visitado a propriedade da mãe dela.

Rosineide Conceição: É interessante porque a gente fica curioso também, né? E é muito interessante saber que as pessoas se interessam porque a gente, em si, a gente não consegue saber o que que é. A gente vê algo assim na terra, a gente pensa... passam muitas

coisas pela cabeça da gente, mas a gente não sabe direito o que é. Então é muito interessante.

Letícia Leite: Pra Neide, uma das coisas que passam pela cabeça dela é: isso é importante pro Acre.

Rosineide Conceição: Porque assim: o Acre é uma região onde as pessoas... "Nossa", ficam assustados. "Ah, o Acre existe?" Eu mesmo sou acreana, não me envergonho de ser. Sou feliz e acho muito bom ser acreana. Eu acho muito gostoso morar nesse lugar, na floresta, em algo que a gente tá bem próximo da natureza. É muito bom.

Letícia Leite: 85% do território do Acre é floresta. Mas isso tá mudando. Em 2023, o Acre foi responsável por 19%¹ de todo o desmatamento na Amazônia Legal.

A cada 10 árvores derrubadas, 2 viviam no Acre. A Neide, que é daqui, tá vendo a paisagem desse lugar ser transformada. Vendo a floresta aos poucos virar pasto.

Rosineide Conceição: Às vezes eu fico imaginando: será que os filhos, meus netos, bisnetos, vão conseguir ver uma castanheira? Vão chegar a conhecer uma castanheira?

Letícia Leite: Foi justamente a abertura de pasto ao longo de décadas de desmatamento que tornou visível os primeiros geoglifos.

Na década de 70, o arqueólogo Ondemar Dias localizou alguns desenhos na terra em fazendas de gado no Acre, mas as descobertas não causaram muita repercussão.

Até que um jovem estudante de geografia chamado Alceu Ranzi olhou da janela de um avião, e viu, no meio de uma área de pasto, círculos perfeitos cravados na terra. Isso foi em 1986. Meses depois, ele conseguiu voltar pra lá num avião pequeno, dessa vez com dois fotógrafos profissionais.

Os três apresentaram pro mundo, pela primeira vez, imagens aéreas dos geoglifos da Amazônia. Eles fotografaram estruturas que tinham formas de quadrado, de círculos, de um "U" duplo... Algumas eram parecidas com o que tava ali na nossa frente, no Nakahara 50.

1

<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2023/09/30/acre-esta-entre-tres-estados-que-concentram-quase-80percent-do-desmatamento-na-amazonia-legal-aponta-imazon.ghtml>

Letícia Leite: Onde a gente e o que está acontecendo aqui, Fernando?

Fernando Ferreira: Nós estamos aqui no Nakahara 50. Aqui é um geoglifo. Você pode olhar a forma circular. Aqui são as valetas dele. E a gente tá olhando o Morgan está tirando alguns pontos GPS, daqui a pouco, se parar de chover, a gente vai subir o drone pra fotografar de cima.

Eduardo Neves: Hoje em dia, os grandes fazendeiros têm fechado as portas para nós, arqueólogas e arqueólogos, por medo de perder a terra. Tem uma discussão. Acho que tem a ver com as questões políticas do Brasil também. Mas os pequenos proprietários e os ribeirinhos indígenas a arqueologia sempre abre uma conversa muito interessante, porque as pessoas vivem lá, elas sabem que aqueles lugares estão lá. E se elas percebem que não vão perder a terra por causa disso, não vai ser a arqueologia que vai fazer isso, obviamente, elas querem saber também quem fez, como é que foi feito...

Rosineide Conceição: A gente fica imaginando porque... a gente chega num lugar, a gente pensa que a gente é o primeiro, né? Então a gente vai descobrir aí que já passou pessoas morando.

Letícia Leite: A gente rodou pelo Nakahara 50 durante umas duas horas. O geoglifo é um círculo um pouco maior que um campo de futebol, e tem vários caminhos saindo desse círculo.

Letícia Leite: Que que você achou aí?

Cliverson Pessoa: É uma cerâmica, aqui no chão.

Letícia Leite: Esse é o Cliverson Pessoa, doutorando em arqueologia na USP. Em cinco anos, o Cliverson identificou mais de mil estruturas arqueológicas no sul do Amazonas e no oeste do Acre. E em pouco tempo andando pelo Nakahara 50, ele conseguiu bater o olho no que, pra mim, parecia só um pedaço de barro. Mas que ele identificou como sendo parte de uma vasilha.

Cliverson Pessoa: É difícil encontrar cerâmicas nesses geoglifos. Então numa olhada rápida, se a gente encontra a cerâmica, é uma surpresa.

Letícia Leite: É uma surpresa boa, porque é uma prova de uma ocupação humana antiga. Uma marca, assim como a terra preta, assim como os geoglifos, de que aquele espaço já foi habitado. De que ele tem história pra contar.

A próxima parada era perto de Sena Madureira, no oeste do estado. E a gente tava indo pra lá muito por causa do Fernando Ferreira.

Fernando Ferreira: Sou do Acre, acriano...

Letícia Leite: O Fernando tá fazendo mestrado em arqueologia no Museu Paraense Emílio Goeldi. Ele foi o coordenador de campo no Amazônia Revelada pra essa etapa do projeto no Acre.

Fernando Ferreira: Quando o Edu me convidou para fazer parte desse projeto Amazônia Revelada, ele falou: “Cara, a gente vai mapear a Amazônia através de LiDAR. E aí a gente selecionou algumas áreas que a gente estava pensando trabalhar seria o Acre. O que tu acha disso?” Eu disse: “Fantástico”. Então eu disse: “Olha, eu quero, se puder, uma área no município de Sena Madureira”. O Edu: “Claro”.

Letícia Leite: O Fernando tinha dois motivos pra querer olhar esse pedaço do estado. O primeiro é que toda a região oeste do Acre ainda tem grandes porções de floresta, mas tá muito perto do chamado “arco do desmatamento”.

Fernando Ferreira: E a gente pensou assim: “Se a gente conseguir descobrir sítios arqueológicos naquela área, é uma proteção a mais pra essa floresta”.

Letícia Leite: Uma proteção a mais – porque proteger o patrimônio arqueológico é uma obrigação do governo, tá na lei desde 1961. Então descobrir e registrar sítios arqueológicos em áreas de floresta é um motivo a mais pra deixar a floresta lá, de pé, protegendo o clima e a possibilidade da gente conhecer melhor a história dos povos indígenas do Acre.

Fernando Ferreira: A gente tem um problema muito grande no Acre de não ter uma identificação com a nossa própria identidade. Muitas pessoas se envergonham de ser descendentes de indígena ou descendentes de seringueiro. Eu mesmo: meu avô, veio para o Acre na década de 40, cortou seringa e etc. Casou com uma mulher indígena daqui do Acre.

Letícia Leite: A avó do Fernando teve 13 filhos. Ela morreu cedo. Ele não tem nenhuma lembrança dela, nenhuma foto – muito menos sabe dizer de qual povo indígena ela era.

Fernando Ferreira: E todo mundo diz assim: “Ela era índia”. Aí chega outro e diz: “Não, ela não era índia, ela era fiiiilho de índio, não sei o quê”. Tentando amenizar, porque tem um preconceito que a gente sabe muito. Quando eu estudava no ensino médio, era um insulto chamar outro de seringueiro. “Ah, você é seringueiro”. E a pessoa ficava insultada.

Letícia Leite: O Fernando é filho de seringueiro.

Fernando Ferreira: Quando eu tinha quatro anos, meu pai foi assassinado. Ele morreu num seringal em Xapuri, confusões de questões de bebedeira. Tem muito isso no interior, principalmente seringal, e ele acabou sendo assassinado.

Letícia Leite: A mãe do Fernando ficou sozinha com dois filhos pequenos, e acabou indo morar na cidade de Sena Madureira pra ficar perto do irmão dela. Foi lá que o Fernando cresceu.

Fernando Ferreira: Sena Madureira é uma cidade que eu considero uma cidade carismática, um pouco bucólica também. E a gente tem o rio Iaco, que é a veia central do município e tudo é pelo rio também...

Letícia Leite: Quando o Fernando tinha 12 anos, ele conheceu um lado da região que deixou ele fissurado.

Fernando Ferreira: Aqui em Sena Madureira tem um museu que infelizmente está fechado e eu fui numa visita da escola nesse museu e lá estão as urnas funerárias da Xiburema.

Letícia Leite: Há quase 30 anos, urnas funerárias foram descobertas numa antiga estrada de Sena Madureira. São vasos enormes, muito bem decorados – e quando o Fernando bateu o olho neles, ele sabia que ele queria estudar a história do lugar onde ele cresceu.

Fernando Ferreira: Quando entrei na história, o curso de História da UFAC não se trabalhava com arqueologia ainda, e, infelizmente, nem com história indígena. Pra você ver, um curso de história na Universidade Federal do Acre, no meio da Amazônia, não tinha disciplina de história indígena, e não tinha disciplina de arqueologia, mesmo a gente tendo nessa quantidade de sítios arqueológicos no Acre.

Letícia Leite: Até que um dia o Fernando viu um cartaz colado na parede da universidade. Era uma seleção pra participar de um sítio escola.

Fernando Ferreira: E eu disse: “Ah, vou me inscrever”.

Eduardo Neves: Eu conheci o Fernando em 2014. O que aconteceu em 2014?

Letícia Leite: Esse, de novo, é o Edu Neves, da USP. O que aconteceu em 2014 é meio complexo. Tavam querendo construir uma linha de transmissão entre Porto Velho e Rio Branco – só que essa linha ia passar perto de uma estrada, um caminho. E tinha um debate se essa estrada tinha sido aberta na década de 70, ou se ela era mais antiga. De qualquer forma, esse sítio já tinha sido danificado pela obra.

Eduardo Neves: E o IPHAN teve que patrocinar uma nova pesquisa de campo nesse sítio, com uma escavação voltada pra determinar a antiguidade daquela estrutura daquela estrada.

Letícia Leite: Só que em vez de só investigar aquele pedaço, eles resolveram fazer um sítio escola pra alunos do Acre. Fazer com que jovens pudessem meter a mão na massa na hora de recuperar a história do estado deles.

Eduardo Neves: O que é um sítio escola? É você trazer um montão de gente, alunas e alunos, pra passar um mês, 45 dias escavando um sítio arqueológico, aprendendo a fazer arqueologia de campo, discutindo e incorporando as técnicas de registro, e assim por diante. E o Fernando foi uma dessas pessoas que se inscreveu para esse curso, pra esse sítio escola. E eu logo de cara percebi o talento muito grande que ele tem, a curiosidade pela arqueologia.

Letícia Leite: Depois do sítio escola, o Fernando embarcou de vez na arqueologia.

Fernando Ferreira: Querendo ou não, a história do Acre começa a ser contada a partir da chegada do homem branco aqui. E é isso. “O homem branco chegou no ciclo da borracha etc”. A história oficial é essa. E os povos indígenas que habitavam aqui? Não é contada essa história.

Letícia Leite: Essa história tá viva na tradição oral de muitos povos indígenas, claro. Mas a arqueologia – e essas novas tecnologias – estão ajudando a comprovar aquilo que sempre foi dito. E resgatar as histórias dos povos que já não estão com a gente.

Fernando Ferreira: Os dados estão mostrando pra gente que tem sítios e muitos sítios. E isso é muito bom, porque comprova, dizendo que tem uma expansão desses sítios arqueológicos do oeste norte do estado do Acre. Mostra que essas pessoas estavam por todo o Acre. Não era só na porção leste do Acre, de Rondônia, mas estava habitando toda essa região.

Letícia Leite: O primeiro sítio que a gente foi ver perto de Sena Madureira era o Nakahara 71.

(Sim, o sr. Nakahara realmente tem um bom olho pra essas coisas. Ele já registrou mais de 200 geoglifos.)

No Nakahara 71, mais uma vez, eu vi o Edu fazendo comunicação científica ao vivo e em cores – primeiro com um proprietário, depois com outro.

Eduardo Neves: A gente queria dar uma checada aqui no terreno – podemos entrar, tudo bem?

Letícia Leite: Pra mim, esse sítio não parecia nada demais. Parecia um grande pasto. Não tinha aqueles desenhos gravados no chão. Mas tinha outra formação na terra. Uns morrinhos, uns barrancos que eles chamam de montículos. E também tinha um platô e uns caminhos conectando tudo. O Morgan tava muito empolgado com esse sítio.

Letícia Leite: Que você imaginava que podia ser aqui?

Morgan Schmidt: Aqui eu penso que era uma aldeia, um tipo de aldeia ou um espaço cerimonial, talvez uma praça aqui, talvez uma aldeia com casas, as pessoas morando aqui. Mas, pra confirmar isso, a gente quer fazer escavações, pra ver que tipo de vestígios que a gente pode encontrar aqui.

Letícia Leite: Alguns vestígios não demoraram a aparecer. De novo, o homem dos olhos excepcionais: Cliverson Pessoa.

Eduardo Neves: Acharam cerâmica?

Cliverson Pessoa: Isso aqui era tipo vasilhas de cerâmica. Aí é só o caco que quebrou e ficou...

Letícia Leite: O time passou uma hora rodando pelo Nakahara 71, que tem mais ou menos o dobro do tamanho do sítio que a gente tinha visto no outro dia. E antes de ir embora, o Fernando deu o veredito pro proprietário:

Fernando Ferreira: Tá verificado, é um sítio arqueológico no seu quintal. O senhor tem um sítio no seu quintal. O senhor não se preocupa. A terra é sua, é uma propriedade privada. A única coisa que a gente quer é estudar, entender mesmo como funciona isso: quem morava, quem fez - que a gente também não sabe quem fez isso. A gente só sabe que foi gente antiga. Então muito obrigado por nos receber aqui.

Letícia Leite: A gente acabou não conseguindo chegar no terceiro sítio que eles tinham programado, porque o acesso tava bem difícil. Mas ali onde a gente tinha parado na estrada, o Cliverson atacou de novo.

Eduardo Neves: Olha aí, olha que legal! Olha só!

Letícia Leite: O Cliverson tinha achado um caco de cerâmica. E depois outro e mais outro.

Fernando Ferreira: É uma vasilha, uma vasilha quase toda. Olha só?

Letícia Leite: Aí o Fernando achou a boca de um vaso enterrado na estrada.

Eduardo Neves: Quer dar uma olhada aqui?

Letícia Leite: O Edu tava eufórico. Ele chamou o Manoel, o motorista que tinha levado a gente até lá, pra ver também.

Eduardo Neves: Tá vendo aqui o caco de pote, assim? É dos índios de antigamente, né? Tá vendo que ele está todo quebradinho aqui assim? Ele fazia aquelas coisas de barro antes.

Manoel: As pessoas estão estudando aqui o local pra descobrir aqui detritos de sítio arqueológico, parte de cerâmica. Então, pra mim isso aqui é novidade. Novidade que eu não entendia. Mas quantas vezes passei por aqui em cima desse sítio arqueológico aqui e não tinha conhecimento disso.

Letícia Leite: Às vezes um sítio arqueológico não é um desenho que só dá pra ver do ar. Ou um montículo disfarçado de barranco. Ou um caco de cerâmica que pode bem passar despercebido. Às vezes é uma estrutura bem dramática. Que a gente só não vê porque é bem difícil chegar lá.

Os últimos três dias da viagem foram dedicados a um sítio assim: uma muralha de pedra misteriosa construída no topo de uma montanha de uns cem metros de altura.

Cliverson Pessoa: No mapa de Rondônia fica aquele fiozinho na parte oeste.

Letícia Leite: No caminho pra lá, o Cliverson veio me explicando onde fica essa serra. Se você olhar o mapa do Brasil: lá em cima, na região norte, o estado de Rondônia tem uma tripinha que entra no Acre. A gente percorreu essa tripinha toda, numa região conhecida como Ponta do Abunã. É lá que fica essa montanha.

Cliverson Pessoa: Então, o sítio mesmo, ele está no topo de uma serra da margem esquerda do Madeira, próximo à foz do Abunã, e ele foi identificado no final da década de 70 pelo arqueólogo Eurico Müller, que veio do Rio Grande do Sul e fez vários trabalhos em Rondônia.

Letícia Leite: Eurico Muller era um arqueólogo gaúcho. Ele andou por boa parte de Rondônia, e descobriu e registrou vários sítios arqueológicos. Mas ele deixou uma anotação bem curta sobre a Serra da Muralha, no meio de uma centena de sítios.

Cliverson Pessoa: Uma única página que ele fala da Serra da Muralha, e desde então ela nunca foi pesquisada sistematicamente.

Letícia Leite: Lá em 1979, o Eurico anotou que a muralha tinha aproximadamente um metro e vinte de altura e 380 metros de extensão, e que talvez fosse usada como local de defesa.² Uma das coisas que faz da Serra da Muralha um sítio especial é que ela é feita de pedra. Então, tem gente que acredita que a muralha seja a Machu Picchu da Amazônia brasileira. Tipo, que os Incas poderiam ter chegado até Rondônia.

Cliverson Pessoa: Se costuma associar essa muralha de pedra com o passado Inca, e tudo mais, mesmo que não tenha nada que possa de fato associar essa construção com uma expansão incaica. E por isso também é muito importante que novas pesquisas sejam feitas nesse sítio pra gente tentar entender um pouco melhor o significado que ele tem, o que seria essa construção. Era uma proteção de um lugar e um lugar cerimonial? Se é uma habitação, então, tem várias especulações nesse sentido. Então é interessante que ele mexe com o imaginário das pessoas.

Letícia Leite: O império Inca era altamente organizado e centralizado num imperador, com governadores regionais, uma agricultura desenvolvida com técnicas

2

<https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/277/3/P%20Avul%20n38%201983%20Simo%20p50-68.pdf>

avançadas de irrigação e cultivo em terraços. Eles construíram estradas, pontes e conjuntos arquitetônicos impressionantes usando pedras encaixadas sem argamassa.

O Cliverson disse que tem gente que defende essa ideia de Machu Picchu brasileira porque parece meio glamuroso ter construções Inca no Brasil. Mas ele acha que tem um preconceito ali em quem descarta de cara que a muralha possa ter sido feita por outros povos indígenas. E, de fato, a datação de carbono indicou que a muralha teria entre 2 mil e 1200 anos – ou seja, que é bem mais velha do que o império Inca.

O Cliverson é uma das poucas pessoas que conseguiu visitar a muralha nos últimos anos – ele participou de uma expedição que subiu lá em 2016. E, naquela época, a muralha tinha sido danificada.

Cliverson Pessoa: Quando eu tive lá, eu vi que algumas partes da muralha tinham sido vandalizadas e tiraram os granitos e os blocos de granito e algumas partes tentaram recolocar e não ficou a mesma coisa.

Letícia Leite: Mas a muralha não tá ameaçada só por aventureiros que podem se dar ao trabalho de subir uma serra pra vandalizar um patrimônio arqueológico.

Cliverson Pessoa: A Ponta do Abunã é também a ponta do arco do desmatamento, que começa lá no Pará lá em cima e chega até essa ponta do Abunã, aqui no Acre.

Letícia Leite: Esse era o principal motivo de a gente estar a caminho de Vista Alegre do Abunã, que fica já em Rondônia.

Eduardo Neves: A gente colocou uma das áreas do LiDAR ali justamente porque a ideia da Amazônia Revelada é tentar proteger essas áreas que estão ameaçadas.

Letícia Leite: Esse, de novo, é o Edu Neves.

Eduardo Neves: E esse pedaço ali da Serra da Muralha, da Ponta do Abunã, está dentro desse contexto mais amplo. Duas grandes ameaças. Três, eu diria. O garimpo ilegal, o desmatamento e o crime organizado que está do lado da fronteira da Bolívia e a tríplice fronteira nacional entre Amazonas, Rondônia, Acre e a Bolívia que tá ao sul também. Então é um lugar quente, digamos assim, para trabalhar.

Letícia Leite: Deu pra ver que a gente tava num lugar quente quando a gente tava quase chegando no nosso hotel. Tinha um muro com as letras C e V pichadas em vermelho – as iniciais do Comando Vermelho.

A produção de cocaína no mundo tá concentrada em três países: Colômbia, Peru e Bolívia. Esse pedaço de Rondônia e Acre que a gente tava rodando tá na rota de distribuição de mais da metade da cocaína produzida no mundo com destino à Europa e à África.³

No hotel, o pessoal começou a planejar a expedição do dia seguinte. E foi aí que eu fui percebendo que não ia ser fácil chegar na Serra da Muralha.

Eduardo Neves: Em novembro ele tentou vir, só a ponte tava caída.

Letícia Leite: Na época da nossa visita, tava chovendo muito. Vários municípios do Acre tinham decretado estado de emergência. A gente tava em dois carros, mas um deles não tinha tração nas quatro rodas – porque no caos das chuvas, não deu pra alugar coisa melhor.

Então, a missão era essa: chegar no topo de uma serra que a gente sabia mais ou menos onde ficava, e sabia que tinha garimpo, desmatamento, e crime organizado próximo, chovendo, com muita lama pela frente, com uma caminhonete e um carro de passeio. E tudo isso em áreas sem sinal de telefone ou internet.

Amilcar Adamy: A ideia é essa: ir até a fazenda, andar um pouquinho lá na área desmatada, seja tentando localizar aquela uma partezinha baixa, e daí entrar pra mata e andar uns 200 metros até eu tentar localizar o Picadão.

Letícia Leite: Esse é o Amilcar Adamy, um geólogo de 75 anos que se juntou ao time nessa fase final. Fato interessante sobre ele: ele descobriu a maior paleotoca – um daqueles buracos de bicho-preguiça gigante da Amazônia. Talvez por isso ele não tivesse intimidado com o tamanho do buraco em que a gente tava se metendo. A gente saiu de manhã cedo, e uns 40 minutos depois já chegou num mar de lama.

Eduardo Neves: Caminhão de tora. Atolou o caminhão de tora.
Caramba! Para aqui, Morgan. Para aqui!

³ <https://vistprojects.com/trafico-deforestacion-y-encrucijadas/>

Letícia Leite: A gente ficou ali um tempinho até conseguir passar. Deu um certo alívio passar por aquela lama toda com os dois carros. Deu também um aperto no peito ao passar por aquele caminhão cheio de toras de árvores.

Eduardo Neves: Bom, gente, furou, não tem jeito. Furou os dois, porque o outro furou também.

Letícia Leite: A caminhonete tinha vencido o mar de lama... mas dois dos pneus, não. Também não tinha sinal de celular. A gente podia voltar pro hotel e tentar um guincho – e, nisso, desistir da serra... ou podia largar um dos carros, enfiar a galera toda no outro, e seguir em frente.

Eduardo Neves: Melhor deixar o carro na estrada, porque se ligar o motor ele vai fundir.

Letícia Leite: A gente seguiu. Metade do pessoal dentro, metade na caçamba.

A ideia era chegar numa fazenda que dava acesso pra serra. Só que desde aquela vez que o Cliverson tinha subido, a fazenda tinha sido vendida. O pessoal não sabia quem era o dono, muito menos quem eles iam encontrar por lá.

Dessa vez, eu tive o privilégio de ver o Edu tentando explicar o trabalho dele pra dois caras enquanto um deles afiava um facão. O clima não tava tranquilo.

Eduardo Neves: Aqui tá BR e ela vem bem nessa linha aqui. Aqui tá a ecolog, aqui tá a serraria deles.

Letícia Leite: O Edu tava explicando que a Serra da Muralha fica dentro de outra fazenda, a fazenda Ecolog – mas que o acesso por lá é bem mais complicado.

Eduardo Neves: Tá vendo a diferença? Nós estamos aqui no azul, a Ecolog tá aqui e a Serra está aqui.

Funcionário: O problema é a autorização. Vocês têm que ter autorização do dono.

Letícia Leite: Dessa vez, a lábria arqueológica não colou.

Adamy: Ele não está querendo deixar a gente.

Letícia Leite: O Adamy sugeriu que a gente fosse margeando a cerca da fazenda, sem entrar na terra deles, até onde desse. A gente saiu andando, todo mundo meio

decepcionado. Só que, não deu muito tempo, um cara veio atrás da gente numa moto. A gente achava que tinha saído da terra deles, mas a gente ainda tava dentro.

Eduardo Neves: Mas aqui não é dele?

Funcionário: Aqui é dele.

Eduardo Neves: Achei que não fosse. Desculpe.

Letícia Leite: Enquanto o Edu se desculpava e explicava que a gente tinha se enganado, o Adamy continuou andando. Depois o caseiro foi atrás dele e trouxe ele de volta também.

A gente almoçou na sede da fazenda, um almoço estranho, mas muito bem-vindo. Papo vai, papo vem, o Edu tentou fazer mais uma investida. Ele pegou o celular e foi mostrar uma reportagem do Fantástico sobre geoglifos em que ele aparecia.

Funcionário: Como é o nome disso?

Eduardo Neves: Geoglifos. tem aqui em Rondônia tem lá, inclusive lá no Guaporé. Tá vendo? É isso.

Funcionário: Quem fez isso aí?

Eduardo Neves: Foi os índios que fizeram isso há muito tempo. E a gente quer justamente, tem a pedra lá em cima, e a gente quer ver se tem alguma coisa parecida aqui embaixo.

Letícia Leite: Dois cafezinhos depois, o cara resolveu levar a gente na caminhonete dele até o pé da serra. E, no caminho, ele falou que ele não tava pretendendo deixar a gente passar de jeito nenhum. E não foi a matéria do Fantástico que convenceu ele. Foi quando ele viu Adamy. Ele lembrou do avô dele, um alemão que se mudou pro sul do Brasil e veio pra Rondônia na década de 60. Daí, quando ele viu um senhorzinho de cabelo branco e olhos azuis andando determinado daquele jeito, ele ficou balançado.

Fernando Ferreira: Depois de uma manhã um pouco complicada, com atoleiro, carro quebrado, a gente conseguiu chegar na fazenda que dá acesso e agora a gente vai entrar no mato, que são mais ou menos dois quilômetros de caminhada até a gente subir na Serra da Muralha. Momento especial porque a equipe toda conseguiu chegar, e a gente vai ver o que tem lá, essas muralhas grandes de pedras empilhadas.

Letícia Leite: O Fernando tava bem animado. Mas a verdade é que já eram duas da tarde, e a gente ainda precisava resgatar o carro que tinha atolado. A gente mal conseguiu entrar na mata, começou a chover, e todo mundo teve que bater em retirada. No dia seguinte, a gente tentou de novo. O guincho chegou pra pegar o carro abandonado. Mas aí ele atolou na lama também. O que é sinal de que as coisas realmente são complicadas, né? Mas deu pra desatolar o guincho, voltar naquela primeira fazenda, e retomar o caminho. Depois de uns 50 minutos de trilha, a gente deu de cara com uma clareira e uma pedra enorme de granito.

Letícia Leite: Conta aqui para mim onde a gente está.

Carlos Augusto Zimpel: A gente está no sopé da Serra da Muralha, que é uma formação granítica...

Letícia Leite: Esse é o Carlos Augusto Zimpel, o Guto, que é arqueólogo e professor na Universidade Federal de Rondônia. Eu não tinha apresentado ele ainda porque era muita gente numa caminhonete só, que dirá na cabeça do ouvinte. O Guto tava descrevendo a dificuldade que é chegar no alto dessa serra.

Carlos Augusto Zimpel: É lugar bem especial, já que fizeram um muro lá em cima e fizeram algo com alguma coisa especial e vamos ver se a gente consegue ao menos chegar perto um pouco para começar a contar essa história que foi perdida no decorrer do tempo.

Letícia Leite: Pra tentar entender onde a gente tava, o Guto subiu um drone. E, quando ele achou a muralha, ele viu que a gente tava muito longe. Uns dois quilômetros em linha reta – só que dois quilômetros de mata fechada, e terreno acidentado.

Carlos Augusto Zimpel: Eu estou vendo pelo mapa. É isso aqui, né?

Fernando Ferreira: É isso aí, caralho! Tamo longe pra cacete...

Letícia Leite: Já tava ficando tarde, e não dava pra arriscar uma volta no escuro. Então a gente voltou tudo – trilha, fazenda, atoleiro, estrada – e resolveu tentar de novo no dia seguinte. No nosso último dia em Vista Alegre do Abunã. Era a última chance. O pessoal da fazenda tava até ficando acostumado com a gente, nessa altura do campeonato.

Letícia Leite: Hoje eu estou gravando aqui o pessoal para a gente fazer o registro, que hoje a gente vai chegar até lá. Quer deixar um recadinho pro pessoal que vai subir aí?

Funcionário: Desejar sorte.

Letícia Leite: E nesse dia a gente tava com sorte. Foi uma subida dura, mata densa, mas no dia 6 de março de 2024, a expedição do Projeto Amazônia Revelada chegou no topo da Serra da Muralha.

Eduardo Neves: Demais! Aqui, ó! Olha a Muralha. Olha o visual. Olha ali o rio Madeira.

Letícia Leite: E aí?

Fernando Ferreira: Feliz, Animado. E agora vamos começar a trabalhar. Tomar uma aguinha e marcar os pontos da Muralha, tirar umas fotos e ver o que a gente encontra mais por aqui.

Letícia Leite: A gente ia ter mais ou menos uma hora e meia lá no alto, pra poder voltar com a luz do dia.

Letícia Leite: O que dá para fazer numa hora e meia aqui de trabalho?

Eduardo Neves: Aqui ler ponto com GPS, fazer uns registros, o muro com escala no muro pra ter uma ideia do volume. Depois a gente faz uma projeção do volume de pedra, da quantidade que foi trazida para cá.

Letícia Leite: Quando eles calcularem o volume das pedras, vai dar pra fazer umas projeções sobre quantas pessoas construíram a muralha.

Eduardo Neves: É impressionante. É uma loucura isso na cara aqui no alto, super bem encaixadinho

Letícia Leite: Olhando pra muralha, embarquei nessa viagem no tempo que a arqueologia propõe. Imaginei os pés que percorreram aqueles caminhos. As mãos que empilharam aquelas pedras. E as pessoas que estiveram exatamente onde eu tava, atrás de um muro de pedra em cima de um mar de floresta.

Mas enquanto eu tava ali, dando essa viajada, meio ofegante da subida, o time dispersou. Cada um foi prum lado – um tava medindo, outro tava procurando caco de cerâmica, outro tava tirando fotos com o drone. Fui atrás do Guto.

Carlos Augusto Zimpel: Isso mostra um pouco por que a gente não conhece nada de Amazônia ainda. Eu vivo na Amazônia tem mais de 15 anos e não é por viver 15 anos aqui que eu não me surpreendo... Aqui a soja já está aqui perto, mas ao mesmo tempo isso aqui ainda

está preservado e espero que fique assim durante as próximas gerações, pra que um dia – quem sabe, por que não sonhar um pouco mais alto? – que a gente consiga musealizar esse local, ou seja, fazer um caminho legal pras pessoas conseguirem chegar aqui, virem até aqui e conseguir ter essa mesma visão que eu estou tendo agora.

Letícia Leite: A sensação de tá lá em cima era incrível.

Carlos Augusto Zimpel: Eu estou vendo mais ou menos uns 500 ou 600 quilômetros aqui na minha frente. Isso é o que eu estou vendo agora.

Letícia Leite: Lá de cima eu só conseguia enxergar árvores. Era floresta até onde o olho alcançava. Não dava pra ver descampado, pasto, gado, só árvore. Eu fiquei pensando em tudo que os meus olhos não alcançavam. E em tudo que os aviões do LiDAR podem revelar.

No mesmo mês em que a gente subiu a Serra da Muralha, a ministra da cultura homologou o tombamento do primeiro geoglifo do país. É um geoglifo de círculo inscrito em quadrado. Um desenho enorme e geometricamente perfeito, do tamanho de três campos de futebol. E as pesquisas dizem que ele foi feito por indígenas há 2 mil anos. Mas esse foi um único tombamento. O resto ainda tá em perigo. Sujeito à destruição, seja ela deliberada ou não.

Teve um artigo que saiu na revista Science, escrito por pesquisadores do Inpe. Eles estimaram que pode ter mais de 10 mil sítios arqueológicos novos na Amazônia, escondidos – por enquanto – debaixo da floresta. E identificar um sítio é só o começo. A gente tá começando a entender o quanto que a gente ainda não sabe.

Carlos Augusto Zimpel: Imagina isso aqui no passado, quando tinha muita gente morando, dava pra ver o fogo das aldeias, dá fazer muita coisa. Acho que isso aqui pode ter sido uma mobilização coletiva, não só de uma aldeia, por exemplo, que resolve construir... porque uma maneira de se organizar, uma maneira de socializar, uma maneira de interagir, uma maneira de melhorar as relações sociais é tu fazer mobilização para trabalho, até hoje isso é feito. No interior, quando alguém precisa abrir uma roça, junta todo mundo pra fazer essa roça, isso é uma maneira de articular e criar parentesco, uma série de coisas...

Letícia Leite: Na volta, o Guto ficou refletindo em voz alta.

Carlos Augusto Zimpel: O mais legal de tudo foi que a Muralha está preservada. Ou seja, apesar de a gente ter um avanço grande na Amazônia, essa pressão dos ruralistas que estão acabando, estão destruindo grande parte da floresta. A gente está numa área super perigosa, que é Rondônia. A gente vê que tem algumas áreas ainda, dá pra ter um pouquinho de esperança e está preservado. Então, fiquei muito feliz de ver que não foi depredada.

Letícia Leite: Na volta da Serra, eu fiquei com uma pulga atrás da orelha. De quem é esse mar de floresta? Quem é o dono da fazenda que engloba um sítio arqueológico tão imponente, e sobre o qual a gente sabe tão pouco ainda?

Quando eu cheguei em casa, eu comecei a fuçar. Tudo que eu tinha no começo era o nome da fazenda: Ecolog.

Eduardo Neves: Quem comprou Ecolog agora, salvo engano, é uma pessoa que tem um sobrenome alemão. Acho que ele é do sul. Chaul, se não me engano...

Letícia Leite: Eu tive que cruzar as coordenadas de GPS da Serra com bancos de dados do Incra e conferir alguns CNPJs – mas eu cheguei no nome do proprietário. Proprietária, na verdade: Maria Salete Pozzebon, mãe do Chaules Pozzebon.

Quando eu joguei no Google, apareceram milhares de citações. A Agência Pública, o Intercept Brasil, a Repórter Brasil e o De Olho nos Ruralistas publicaram longas investigações sobre Chaules Pozzebon. Isso porque ele é considerado o maior desmatador da Amazônia⁴.

Eu sei que muita gente já ganhou esse prêmio por motivos diferentes. No caso do Chaules, é porque, além de operar a retirada ilegal das árvores, ele também controlava o mercado de madeireiras. Ele é dono de 120 madeireiras na região Norte. E ele foi condenado a 99 anos de prisão⁵ pelos crimes de organização criminosa e extorsão.

Esse cara é o dono da Serra da Muralha e de boa parte daquele mar de floresta que eu vi lá de cima. Ele foi preso em 2019, e ainda tá lá, na penitenciária estadual de Porto Velho.

4

https://apublica.org/2019/11/o-maior-desmatador-do-brasil-possui-120-madeireiras-na-regiao-norte/#_

5

<https://www.tjro.jus.br/noticias/item/14722-chaules-pozzebon-presos-na-operacao-deforest-e-condenado-a-mais-de-99-anos-de-prisao>

Eduardo Neves: O meu grande amigo Mike Heckenberger, que trabalha há mais de 30 anos na Amazônia, ele sempre falou isso, há anos— que arqueologia na Amazônia não é só sobre o passado. É sobre o futuro também.

Letícia Leite: Esse, de novo, é o Eduardo Neves. Pra ele, dá pra dizer que a arqueologia na Amazônia é sobre o futuro por vários motivos. Tem um futuro imediato, daquilo que tá em perigo agora. Se o Amazônia Revelada conseguir identificar mais sítios arqueológicos, isso pode ajudar a segurar bolsões de floresta em alguns lugares críticos.

Um deles é entre os rios Purus e Madeira, que é uma região fundamental pro equilíbrio climático e pras populações indígenas que vivem lá. Tem uma proposta de uma grande obra de pavimentação da BR 319, que liga Porto Velho a Manaus. Se isso for feito, o desmatamento provavelmente vai começar a comer solto.

Eduardo Neves: A gente sabe, independente de ser a favor ou contra, que, se essa estrada for reaberta, e se nada direito for feito com relação a isso, todo aquele pedaço do interflúvio entre a Madeira e o Purus vai ser destruído nos próximos anos.

Letícia Leite: Mas tem outro tipo de futuro que tá em jogo também. É um futuro que a arqueologia pode iluminar pra gente. E ele vem do passado.

Olhando pras narrativas sobre a Amazônia nos séculos passados, o que predominava era uma ideia de escassez. De pobreza. De que “não tinha nada” na Amazônia. De que era só um grande vazio verde ocupado por alguns poucos grupinhos.

Eduardo Neves: A ideia de que solos pobres, pouca proteína, condições climáticas adversas, insalubridade. Existe sempre uma adjetivação negativa.

Letícia Leite: E isso afetava a arqueologia também. Muita gente saiu procurando a Machu Picchu brasileira. O Tenochtitlán brasileiro. E não achou. Mais uma ausência.

Eduardo Neves: E qual é a questão subjacente a isso? É a presença ou não do Estado? O Estado organizado, impérios, centralização política, né? Hierarquias bem marcadas, desigualdade social. Arqueólogos e arqueólogas procuraram isso durante muito tempo, não encontrava e diziam: “Olha, não tem, porque eram condições muito

inóspitas” – como se o estado natural da nossa espécie fosse viver em estados desiguais. Como se a desigualdade social fosse um resultado inevitável da história da nossa espécie, que é uma visão absolutamente eurocêntrica.

Letícia Leite: O que a arqueologia na Amazônia mostra é um outro tipo de sociedade. Um outro jeito de ser.

Eduardo Neves: Se cada um tem a sua roça, vai lá, pega seu peixe, vai caçar sua comida. Se você não precisa fazer investimento em canal de irrigação dessas grandes obras de infraestrutura, se o nível da produção é descentralizado, isso só acontece por causa de um contexto de abundância.

Letícia Leite: Não era por falta de recursos que os povos indígenas da Amazônia não construíram grandes cidades. Cidades do jeito que a gente pensa cidades – de pedras, tijolos, e argamassa. As civilizações eram outras. Os monumentos eram outros. E foi justamente porque eles tinham tantos recursos que os povos da Amazônia não precisavam fazer esse tipo de cidade.

Eduardo Neves: Então, acho que a gente pode virar essa conversa: em vez de falar em escassez, falar em abundância.

Letícia Leite: O passado era de abundância. Mas, agora, a gente tá rumando pra escassez.

Eduardo Neves: Como é que a gente ocupa a Amazônia hoje? A gente cria escassez, por exemplo, através da eliminação de um monte de planta e de bichos que tem ali cultivando uma única espécie.

Letícia Leite: Escassez de floresta. Escassez de biodiversidade.

Eduardo Neves: Eu posso dizer para você, como cientista e como cidadão, que os sistemas agroflorestais na Amazônia são muito antigos. Eles são milenares. Eles estão aí e foram se modificando ao longo do tempo e existe até hoje, até como forma de resistência em contextos de populações indígenas. Mas eu não posso garantir pra você que o sistema de cultivo da monocultura que se vê hoje no Brasil Central, em partes da Amazônia, vai sobreviver dessa mesma maneira nos próximos 30 anos.

Letícia Leite: As estradas, os desenhos na terra, o trabalho que foi feito pra fazer daquele espaço um lugar cada vez mais fértil e habitável... uma floresta imensa e rica que foi formada e moldada pelos povos que passaram por ela... Essas são as obras monumentais que a arqueologia e a antropologia tão descortinando na Amazônia. E a gente precisa olhar bem pra elas pra não tornar a Amazônia, de fato, um vazio.

Branca Vianna: Essa foi a Letícia Leite, colaboradora do Rádio Novelo Apresenta.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. No post desse episódio no nosso site, tem muitas fotos que a Letícia tirou – das cerâmicas, do pessoal do Amazônia Revelada em campo, da Serra da Muralha... e tem mais material de leitura pra quem quiser mergulhar no mundo dos geoglifos amazônicos.

Quem também acompanhou a subida da Serra da Muralha, e tava chacoalhando na caminhonete junto com a Letícia e o pessoal, era o Bernardo Esteves, repórter da revista piauí. Ele fez um perfil do Eduardo Neves que saiu na edição de julho de 2024 da piauí, e que também tá linkado no post do nosso site.

Se você quiser falar com a gente, é só escrever pro email apresenta@radionovelo.com.br. E pra ficar sabendo de eventos, publicações, conhecer outros podcasts nossos, descobrir a cara do pessoal que faz a Novelo, tudo isso – é só seguir a gente nas redes sociais. No Twitter, no Instagram, e no YouTube, procura por “Rádio Novelo”. E tem também a nossa newsletter, que dá pra se inscrever no nosso site.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A direção executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos e a Ashiley Calvo.

A checagem deste episódio foi feita pela Caroline Farah.

Nesse episódio, a gente usou música original de Pedro Nêgo, e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.